

Repensar o Landscape Urbanism à luz de uma ecologia mais inclusiva: desafios metodológicos e perspectivas integradas.

Autores: Francesco Lara; Marie-Ange Benief

Università degli Studi di Roma Tor Vergata

Palavras-chave: paisagem, urbanismo, estudos feministas, teoria urbana, cuidado

Introdução

O Landscape Urbanism, enquanto abordagem teórica e prática da concepção e do planeamento urbano, tem sofrido uma evolução significativa desde as suas primeiras formulações em «The Landscape Urbanism Reader». Este paradigma destaca a integração da paisagem no urbanismo, promovendo o uso de estratégias ecológicas e espaciais para enfrentar os desafios urbanos contemporâneos. A interação entre o Landscape Urbanism e as ideias feministas oferece uma perspectiva crítica para examinar a evolução da disciplina no que respeita ao género e ao papel das mulheres. Este ensaio explora a forma como o Landscape Urbanism integrou as perspectivas feministas desde o seu surgimento até à atualidade, salientando os principais desenvolvimentos e debates em curso.

Perspetivas iniciais e fundamentos

«The Landscape Urbanism Reader», editado por Charles Waldheim em 2006, assinala um momento-chave na formalização do Landscape Urbanism enquanto domínio disciplinar. O volume reúne ensaios que lançaram as bases do debate sobre a forma como as paisagens podem ser utilizadas para configurar os ambientes urbanos. Contudo, os contributos iniciais para este domínio não abordaram de modo significativo as perspectivas feministas nem o papel das mulheres. A atenção incidia sobretudo na sustentabilidade ecológica, na forma espacial e na integração da paisagem no planeamento urbano.

Naquela época, o discurso sobre o género e a teoria feminista no Landscape Urbanism era relativamente incipiente. Os textos fundadores do Landscape Urbanism negligenciavam em grande medida os debates sobre a forma como as ideias feministas poderiam influenciar ou reconfigurar as paisagens urbanas. Esta lacuna refletia tendências disciplinares mais amplas, nas quais as críticas feministas ainda não estavam plenamente integradas na concepção e no planeamento urbano convencionais.

Críticas feministas emergentes

À medida que o domínio do Landscape Urbanism foi amadurecendo, as críticas feministas começaram a questionar os paradigmas tradicionais, salientando como as práticas de concepção urbana perpetuam frequentemente desigualdades de género. As feministas criticaram a marginalização das necessidades das mulheres nos espaços públicos e a divisão

de género do trabalho de manutenção das paisagens. Além disso, neste contexto surgiram duas abordagens particularmente influentes: a filosofia do cuidado e o novo materialismo.

A filosofia do cuidado, desenvolvida sobretudo por filósofas como Carol Gilligan e Nel Noddings, sublinha a importância das relações e do cuidado nas dinâmicas sociais. Esta abordagem critica a ética dominante do mercado e do individualismo, propondo antes uma visão em que o cuidado e a ligação recíproca ocupam um lugar central. No contexto do Landscape Urbanism, a filosofia do cuidado sugere que a conceção dos espaços urbanos deve ter em conta as necessidades de cuidado e as relações sociais quotidianas.

As feministas que aplicam a filosofia do cuidado ao Landscape Urbanism salientam que muitos espaços públicos tradicionais negligenciam as práticas de cuidado, frequentemente invisibilizadas e não reconhecidas na conceção urbana. Esta perspetiva evidencia a forma como a conceção dos espaços pode integrar melhor essas práticas, através de áreas de socialização, espaços para as brincadeiras das crianças e apoio às pessoas idosas ou com deficiência. Assim, a filosofia do cuidado contribui para uma visão mais inclusiva e humanista dos espaços urbanos, na qual a qualidade das relações e o bem-estar comunitário constituem prioridades fundamentais.

O novo materialismo, um movimento teórico que tem recebido crescente atenção nos últimos anos, oferece uma perspetiva inovadora sobre a interação entre o material e o imaterial, e entre o humano e o não humano. Teóricas como Jane Bennett e Karen Barad exploraram a forma como os objetos e as forças não humanas influenciam as dinâmicas sociais e ambientais e são, por sua vez, influenciados por elas. Esta abordagem critica as visões antropocêntricas e convida a considerar a agência e as relações dos elementos materiais e não humanos.

No domínio do Landscape Urbanism, o novo materialismo questiona a separação entre natureza e cultura e incentiva uma análise mais aprofundada das relações ecológicas. As críticas feministas baseadas no novo materialismo interrogam as hierarquias de poder e de influência entre os seres humanos e o ambiente não humano, defendendo que as práticas de conceção urbana devem reconhecer e integrar a presença e a agência dos elementos materiais. Isto implica refletir sobre a forma como os materiais e as estruturas urbanas influenciam as experiências espaciais e as relações sociais, e sobre o modo como podem ser concebidos para promover um equilíbrio ecológico e social mais equitativo.

As feministas influenciadas pelo novo materialismo podem, por exemplo, questionar as práticas de conceção que privilegiam a eficiência e a funcionalidade em detrimento da biodiversidade e do bem-estar ambiental. Reclamam uma reavaliação da forma como o Landscape Urbanism integra e interage com as forças naturais e materiais, propondo abordagens que valorizam a sustentabilidade e a equidade ecológica enquanto componentes essenciais da conceção urbana.

As críticas feministas emergentes, através da aplicação da filosofia do cuidado e do novo materialismo, deram contributos significativos para o Landscape Urbanism. A filosofia do cuidado evidenciou a necessidade de considerar as práticas de cuidado e as relações sociais na conceção dos espaços públicos, enquanto o novo materialismo conduziu a uma reflexão crítica sobre as interações entre os elementos humanos e não humanos no contexto urbano. Estas abordagens enriqueceram o campo do Landscape Urbanism, promovendo uma conceção mais inclusiva, ecológica e atenta às relações ambientais.

Desenvolvimentos contemporâneos e abordagens integradas

Nos últimos anos, o Landscape Urbanism tem dialogado cada vez mais com as teorias e práticas feministas, assinalando uma evolução para abordagens mais inclusivas e sensíveis às dinâmicas de género. Esta mudança reflete uma tendência mais ampla, no âmbito das disciplinas do design, para a integração de perspetivas diversificadas. Um aspeto particularmente relevante é o surgimento de novas abordagens do metabolismo urbano, que articulam a sustentabilidade ecológica com as práticas de conceção urbana.

O conceito de «metabolismo urbano» refere-se à análise e à conceção das cidades enquanto sistemas abertos que trocam recursos, energia e resíduos com o seu ambiente. Esta abordagem dá ênfase à sustentabilidade e à eficiência dos ciclos de recursos urbanos e tem recebido uma atenção crescente nos estudos recentes. Integrar o metabolismo urbano no Landscape Urbanism pode contribuir para criar cidades mais resilientes e sustentáveis, capazes de responder aos desafios ambientais e sociais contemporâneos.

A investigação recente sobre o metabolismo urbano tem explorado a forma como as cidades podem ser concebidas para otimizar a utilização dos recursos e minimizar o impacto ambiental, tendo igualmente em conta as dimensões sociais e de género da conceção urbana. A adoção de abordagens baseadas no metabolismo urbano pode contribuir para uma maior inclusão e sustentabilidade dos espaços públicos, melhorando a qualidade de vida de todos os seus habitantes.

A combinação das perspetivas feministas com as abordagens do metabolismo urbano pode conduzir a um urbanismo paisagístico que aborde não apenas as questões de sustentabilidade ambiental, mas também as diversas necessidades dos grupos sociais. A investigação recente demonstrou como o Landscape Urbanism pode ser concebido para promover a equidade através da utilização sustentável dos recursos e de uma maior atenção às práticas de cuidado e às necessidades das comunidades.

Projetos recentes que adotam uma abordagem integrada do metabolismo urbano e da conceção inclusiva mostram como estes princípios podem ser aplicados de forma inovadora. Por exemplo, alguns estudos exploraram a forma como os espaços públicos concebidos com consciência ecológica podem melhorar a qualidade de vida das mulheres e das pessoas pertencentes a grupos marginalizados, criando ambientes urbanos mais inclusivos e sustentáveis.

A integração das perspetivas feministas e das abordagens do metabolismo urbano representa uma evolução significativa no Landscape Urbanism. Esta sinergia contribui para uma conceção urbana simultaneamente sustentável do ponto de vista ecológico e inclusiva do ponto de vista social, respondendo aos desafios contemporâneos através de soluções inovadoras. Os trabalhos recentes sobre o metabolismo urbano e a inclusão das perspetivas de género oferecem modelos para a criação de espaços públicos que promovam a equidade e o bem-estar, enriquecendo a disciplina do Landscape Urbanism e melhorando a qualidade de vida nas cidades.

Orientações futuras

Apesar destes progressos, subsistem desafios quanto à plena integração das perspetivas feministas no Landscape Urbanism. Um desses desafios consiste em garantir que as ideias feministas não sejam meramente simbólicas, mas profundamente integradas nas práticas de conceção e nos quadros teóricos. É igualmente necessário manter um diálogo constante

e uma colaboração entre especialistas feministas, arquitetos paisagistas e urbanistas, a fim de abordar estas questões de forma eficaz.

Olhando para o futuro, o Landscape Urbanism deve continuar a evoluir, integrando diversas perspectivas feministas e enfrentando as desigualdades sistêmicas nos ambientes urbanos. Isto implica não só conceber espaços públicos mais inclusivos, mas também repensar os processos de planeamento e conceção urbana para garantir que sejam equitativos e capazes de responder às necessidades de todas as pessoas utilizadoras.

Conclusão

O diálogo do Landscape Urbanism com as ideias feministas evoluiu consideravelmente desde a publicação de «The Landscape Urbanism Reader». Desde um início marcado pela negligência até à integração crescente das perspectivas feministas, este domínio progrediu na consideração das dimensões de género na conceção urbana. Embora tenham sido alcançados progressos, há ainda muito trabalho a realizar para garantir que o Landscape Urbanism incorpore plenamente os princípios feministas e continue a abordar as questões de género e de igualdade. Ao adotar uma abordagem mais inclusiva e interseccional, este domínio pode contribuir para a criação de ambientes urbanos verdadeiramente equitativos e capazes de responder às necessidades diversificadas de todas as pessoas.

Referências

1. Alber, G. (2024). A novel approach to work towards gender-responsive urban climate policy. *Environment and Urbanization*, 36(1), 133-146. <https://doi.org/10.1177/09562478241230037>
 2. Bennett, J. (2010). *Vibrant Matter: A Political Ecology of Things*. Duke University Press.
 3. Barad, K. (2007). *Meeting the Universe Halfway: Quantum Physics and the Entanglement of Matter and Meaning*. Duke University Press.
 4. Brenner, Neil, and Christian Schmid. *The Urban Age in Question*. Routledge, 2020.
 5. Chaker, M., Berezowska-Azzag, E. and Perrotti, D. (2021). Exploring the performances of urban local symbiosis strategy in Algiers: potential for energy use optimization and CO2 emission mitigation. *Journal of Cleaner Production*, Vol. 292, no. 1, p. 125850. <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2021.125850>
 6. Corner J. (1999). Recovering Landscape As A Critical Cultural Practice. In *Recovering landscape. Essay in contemporary landscape architecture*, pp. 1-26, New York : Princeton Architectural Press
 7. Corner J. (2003). Landscape Urbanism. In *Landscape Urbanism. A Manual For The Machinic Landscape*, eds. Mostafavi M., Najle C., pp. 58-63. London : Architectural Association
 8. Corner J. (2006). Terra Fluxus. In *The Landscape Urbanism Reader*, ed. Waldheim C., pp. 21-34. New York: Princeton Architectural Press
 9. Gilligan, C. (1982) In *a Different Voice: Psychological Theory and Women's Development*. Harvard University Press.
 10. Kaviti Musango, J., Currie, P. Smit, S., and Kovacic, Z. (2020) Urban metabolism of the informal city: Probing and measuring the 'unmeasurable' to monitor Sustainable Development Goal 11 indicators, *Ecological Indicators*, 119: 106746, <https://doi.org/10.1016/j.ecolind.2020.106746>.
 11. Otero Peña, D., Perrotti, D. and Mohareb, E. (2022). Advancing urban metabolism studies through GIS data: resource flows, open space networks, and vulnerable
- Benief, M.A. & Lara, F. (2025). Repensar o Landscape Urbanism à luz de uma ecologia mais inclusiva: desafios metodológicos e perspectivas integradas. Seminário de Investigação "Paisagens da sustentabilidade. Paisagens da inclusividade". Universidade Federal de Goiás. 19 de junho de 2025

- communities in Mexico City. *Journal of Industrial Ecology*, Vol. 26, no. 4, p. 1333-1349. <https://doi.org/10.1111/jiec.13261>
12. Perrotti, D (2012). La ruralité urbaine : de plateforme d'expérimentation à lieu de la mise en scène d'un nouveau modèle de durabilité. *Environnement urbain / Urban Environment* Vol. 6, p. 100–117
 13. Perrotti, D. (2014). Landscape as Energy Infrastructure: Ecologic Approaches and Aesthetic Implications of Design. In: Daniel Czechowski, Thomas Hauck, Georg Hausladen (eds.), *Revising Green Infrastructure. Concepts Between Nature and Design*, CRC Press - Taylor&Francis, p. 71-90. <https://doi.org/10.1201/b17639-6>
 14. Perrotti, D. (2015). Of Other (Energy) Spaces. Protected areas and everyday landscapes of energy in the southern Italian region of Alta Murgia. In: *Renewable Energies and European Landscapes*, Dordrecht: Springer, p. 193-215. https://doi.org/10.1007/978-94-017-9843-3_11
 15. Perrotti, D. (2022) Toward an agentic understanding of the urban metabolism. *Urban Geography*, Vol. 43, no. 1, p. 1-11. <https://doi.org/10.1080/02723638.2020.1848760>
 16. Noddings, N. (1984) *Caring: A Feminine Approach to Ethics and Moral Education*. University of California Press, 1984.
 17. Waldheim C. (2006). A Reference Manifesto. In *The Landscape Urbanism Reader*, ed. Waldheim C., pp. 13-19. New York: Princeton Architectural Press
 18. Wang, H.-C. (2023). Case Studies of Urban Metabolism: What Should be Addressed Next? *Urban Affairs Review*, 59(3), 949-968. <https://doi.org/10.1177/10780874221080145>